



A pós uma longa pausa desde o lançamento do primeiro número da **Risco** em outubro de 2003, nossa Revista ressurgiu em formato eletrônico. Se a revista impressa em papel ainda nos parece a melhor forma para a leitura, exigências práticas, sobretudo de ordem econômica, levaram a nos submeter ao mundo digital. Por outro lado, esperamos que desse modo cheguemos a nossos leitores mais facilmente. Ao mesmo tempo, o site da **Risco**, ora sendo lançado, também inclui seu primeiro número.

Sabemos que toda aventura comporta um risco, assim como todo projeto encerra um risco. E aqui em seu duplo sentido: o risco que anuncia o ainda não construído, vir-a-ser e desígnio, e também o risco de não vir a ser construído, por ser apenas desenho. Na polissemia da palavra que dá nome a esta Revista, riscada e arriscada agora com ponto “br”, talvez resida o fio que amarra alguns dos artigos que trazemos neste número.

O artigo de José Barki analisa os riscos de Brasília, desvelando intenções já inscritas nos primeiros traços da utopia de Costa, apontando neles princípios e propostas urbanísticas que iriam se materializar na construção da Nova Capital. Na mesma seção temos o ensaio de Roberto Conduru sobre Reidy, para quem a arquitetura é espaço construído, forma plástica moldada na natureza. Repassando algumas das suas obras, o autor discute como o arquiteto concebe sua racionalidade que é tanto construtiva quanto espacial e cuja linguagem não se limita – como pode sugerir uma leitura apressada de seus projetos – ao vocabulário corbusiano.

Risco de Lúcio Costa para o plano piloto de Brasília

Ainda nessa mesma seção, Fernando Atique expõe as tramas que construíram um edifício paradigmático da arquitetura moderna paulistana – o Esther, localizado na Praça da República. Trata também de analisar como esse caso singular de modernidade contribuiu para a cultura da habitação vertical na capital paulista. Já Fabio Lopes traça um panorama dos dilemas que marcaram, e ainda marcam, a arte do pós Segunda Grande Guerra, apontando suas ressonâncias por nossas plagas tropicais.

Em “Referência” apresentamos um texto de Aluizio Bezerra Coutinho, de 1930, que nos informa sobre alguns aspectos da cultura arquitetônica daquele período que anunciava a adoção de olhares modernistas em relação ao edifício. Nele, o médico pernambucano já reclamava a importância da adequação das habitações ao nosso clima quente. Apresentando-o, Geraldo Gomes da Silva – também responsável pelo resgate desse documento – situa autor e idéias no contexto da época.

Iniciando a publicação de traduções de textos que poderíamos chamar de clássicos, a **Risco 2** traz a introdução do “Ensaio sobre a Arte e a Arquitetura” de Louis-Étienne Boullée, com uma apresentação de Mário Henrique Simão D’Agostino inscrevendo as idéias do arquiteto revolucionário nos quadros da produção iluminista.

Em “Transcrição” publicamos a entrevista que nos foi dada, em novembro de 2002, por Galina Tahchieva sobre o Movimento “New Urbanism”. As palavras da profissional responsável pelo desenvolvimento de vários projetos conforme os

princípios do “Novo Urbanismo” são comentadas por Philip Gunn, segundo um viés crítico da última moda urbanística nos EUA, que já chegou até nós. Com enorme pesar, registramos o falecimento desse nosso colega e colaborador, ocorrido no dia 17 do corrente mês, em São Paulo.

Na seção “Ponto Crítico” trazemos a resenha de dois livros publicados em 2003. O primeiro, resultado de uma dissertação de mestrado desenvolvida junto à FAU-USP, de Luis Augusto Maia Costa, sobre a atuação profissional em São Paulo, no início do século XX, do Eng. Theodoro Sampaio, é analisado por Cândido Malta Campos Neto. O segundo livro, de Paola Berenstein Jacques, sobre Helio Oiticica e sua leitura original do espaço da favela carioca, é comentado por Sara Grubert.

Em “Pesquisa em Pauta”, Sarah Feldman faz um balanço das pesquisas que vêm sendo desenvolvidas junto ao nosso Programa de Pós-graduação, do qual ela é atualmente coordenadora. Também aí temos notícias da II Jornada do Programa que aconteceu em maio de 2004.

Por fim, queremos registrar nossos agradecimentos aos membros do Conselho Técnico-Administrativo da EESC-USP pelo apoio, bem como aos funcionários e professores do Departamento de Arquitetura e Urbanismo que colaboraram para darmos continuidade à **Risco**. Também pedimos desculpas aos leitores e autores pela interrupção. Esperamos que a boa acolhida do nosso primeiro número se repita com este, servindo de estímulo que reforça o entusiasmo da nossa equipe editorial em prosseguir correndo riscos, riscando.

São Carlos, outubro de 2005.